



CORPO DE DELITO

“Gangnam Style”

Psy é um intelectual, um pensador, e “Gangnam Style” é uma metáfora de certos aspectos da vida moderna, especialmente alguma comunicação social



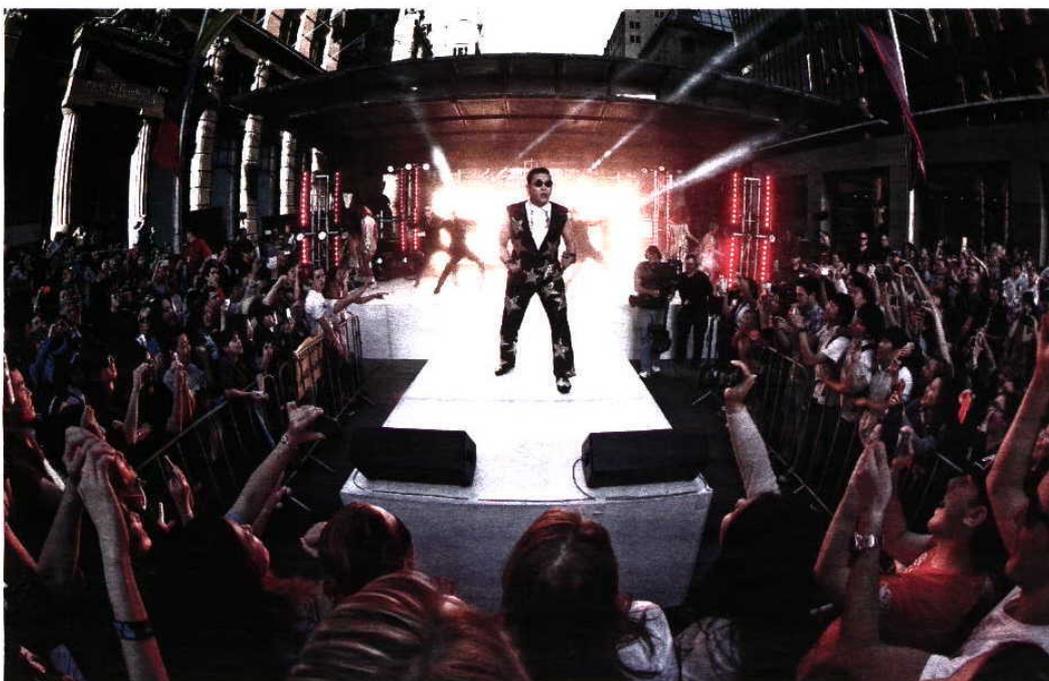
Rui Patrício

O fenómeno sul-coreano não me deu procuração, defendo-o por minha iniciativa e *pro bono*. Psy tem sido reduzido a uma manifestação menor e efémera da mais ligeira e kitsch cultura pop. Não faltam vozes a exprimir espanto por tamanho sucesso e a deitar as mãos à cabeça pelos milhões de visualizações no YouTube e pelo êxito global da “dança do cavalo”. É injusto. E é precipitado. Psy é um intelectual, um pensador; Psy é o Montaigne do século XXI. “Gangnam Style” é uma metáfora de certos aspectos da vida moderna, especialmente alguma comunicação social. Está lá tudo, poucos minutos constituem uma síntese brilhante e profunda; por isso, aliás, há concertos seus que se reduzem a essa canção, está tudo dito, o genial pensador esgotou-se todo ali.

A letra fala, aparentemente, de uma namorada, que tanto sabe ser adorável como selvagem. Mas isso é apenas metafórico. Realmente, do que fala é de certa comunicação social – que certo dia elege, elogia, incensa e mitifica, e no dia seguinte apeia, espezinha, mata. Mas essa comunicação social não o faz, evidentemente, por capricho, nem para cumprir uma agenda, muito menos para agradar ou obedecer ao dono. Aliás, é evidente que a comunicação social não tem caprichos, nem agendas, nem donos. Sempre e só: objectividade e interesse público. E nunca confunde interesse público com interesse do público, nunca cede ao ancestral gosto do povo por gladiadores, sangue e polegar apontado para baixo. Muito menos replica o espírito com que Cardinali e Chen temperam o nosso Natal. Não, claro que não. É verdade que – como na metáfora de Psy – muito nos é dado com lantejoulas, num ritmo contagiante, com óculos escuros de estilo e numa coreografia que toma conta do mais empedernido. Mas não é para vender, nem é pelo gosto do escândalo. É porque tem de ser, porque o interesse público manda. E – repito – não é por capricho, nem para

cumprir uma agenda, nem para agradar ou obedecer ao dono. Evidentemente. Mesmo as não-notícias puxadas para a primeira página e repetidas até à exaustão, mesmo a obscena e gratuita exploração da dor, mesmo o prime time dedicado ao decorativo, ao sangrento ou ao sound byte são imposições da objectividade e do interesse público. Essa “dança do cavalo” (cheia de brilho, cor e ritmo) é necessária para que a comunicação social cumpra a sua nobre função. Foi isso que Psy teve a inteligência de ver e de retratar tão bem, sob a aparentemente ligeira narrativa do dia-a-dia do bairro chique e frívolo de Seul.

E ainda dizem que o homem não merece toda a atenção. Merece. É claro que escusava de ter escondido a sua reflexão sob uma metáfora tão intrincada. Mas mesmo os maiores pensadores e os visionários têm as suas fraquezas. Psy teve reccio; reccio de dizer as coisas como elas são e de ser mal interpretado e de ser apeado, espezinhado ou morto pela comunicação social que quis retratar. O que – se acontecesse – seria sempre e só em nome da objectividade e do interesse público. Evidentemente *Advogado. Escreve ao sábado*



Muito nos é dado a um ritmo contagiante com lantejoulas